

Suplemento Cultural

Aventura da palavra – Guimarães Rosa no chá da Academia

MARIA ADÉLIA MENEGAZZO
PROFESSORA ASSOCIADA DE
TEORIA DA LITERATURA – UFMG

Na próxima semana, dia 27 de março, a Professora Maria da Glória Sá Rosa vai fazer uma palestra sobre o escritor Guimarães Rosa, na sede da ACP. Trata-se do Chá da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras. Será um momento de apresentação do escritor para aqueles que não o conhecem, não o leram, e de reconhecimento para os seus já leitores.

Guimarães Rosa é um desses autores que conseguem ser amados e odiados na mesma proporção. O primeiro sentimento decorre da percepção de que sua linguagem vai além do que está dito. Segundo o próprio autor, ele sempre cultivou a ideia antiga, e válida até nossos dias, de que o som e o sentido de uma palavra se pertencem, andam juntos: “A música da língua deve expressar o que a lógica da língua obriga a crer”. “Unsinhos engenheiros” é um texto que pode dar a exata dimensão desta pertença. Por conta de tal visão, pode-se falar da obra de Guimarães Rosa como uma obra de invenção, criando seu próprio léxico a partir daquele que foi o seu idioma desde a infância: o dos sertanejos de Minas Gerais.

O autor de Sagarana impõe a este idioma uma constante atualização, fugindo das formas estáticas, cediças, inertes, estereotipadas, dos lugares

“

Em geral, quase toda frase minha tem de ser meditada. Quase todas, mesmo as aparentemente curtas, simplórias, comezinhas, trazem em si algo de meditação e aventura” – Guimarães Rosa

comuns, etc., coisas de escritores que não se permitem singularizar poeticamente a matéria de que tratam. Por isso afirmava: “Em geral, quase toda frase minha tem de ser meditada. Quase todas, mesmo as aparentemente curtas, simplórias, comezinhas, trazem em si algo de meditação e aventura”. Daí talvez a explicação para os tantos aforismos retirados de sua obra: “Viver é



Centenário de nascimento de Guimarães Rosa lembrado pela escola “Mocidade Independente” – 2008.

muito perigoso”; “O sertão está dentro de nós”; “Esperar é reconhecer-se incompleto”, entre milhares de outros.

Muito se fala da passagem de Guimarães Rosa por Mato Grosso do Sul e já existem estudos acadêmicos sobre o assunto. Alguns textos do livro póstumo Ave, Palavra são dedicados às coisas daqui: “Sanga Puytã” refaz o percurso da Retirada da Laguna, “rarefazendo” a história; “Uns índios (sua fala)” volta-se para a necessidade de compreender e atribuir sentidos à sonoridade da língua dos índios Terena; a presença dos imigrantes japoneses

em Campo Grande é comentada em “Cipango”, e certamente não falta um texto “Ao Pantanal”, Ou de como se devassa um Éden.

Ao modelar para si uma linguagem própria, Guimarães Rosa cria no leitor uma expectativa e um desejo de compreensão daquilo que é contado, obrigando-o a acompanhar de perto os procedimentos de invenção. Às vezes isto é possível, outras vezes, não. Mas fica sempre o sentimento de desafio. A palestra da próxima semana busca apresentar alguns deles. Os leitores estão todos convidados.

(FOTOMONTAGEM DO ESTADÃO)

POESIAS

FLORES DA NOITE

*Na floresta oculta e sombria
Do oásis da minha alma de artista,
A luz lunar
Desce entre as montanhas da sensibilidade
E vai pratear o rio
Da mágoa humana;
Onde floresce à margem
A árvore da esperança...
Neste lugar sagrado
O sol doura a paisagem
E tece a poesia mágica da luz
Nas manhãs plenas de vida!
E há melodias bárbaras,
E há romances selvagens
Até ao cair da tarde silenciosa...
Daí a lua – noiva do sonho –
Enternece na doçura da penumbra
As águas do rio...
Tudo adormece...
E as flores nascidas
Ao cair da noite
Despetalam-se ao vir da aurora.
São lágrimas da árvore da esperança
No rio da vida.*

HUGO PEREIRA DO VALE

DAS LIBERDADES

ADAIR JOSÉ DE AGUIAR

Após um frio mais ou menos intenso, ensofado por duas semanas de chuva, Porto Alegre voltou a sorrir na luminosidade do sol dos pampas.

Mas há um ritmo de inusitado nervosismo por toda parte. O divórcio gerou euforias e protestos, celebrações e contestações, demonstrando nitidamente o radicalismo antagônico de ambos os posicionamentos.

Entretanto, não é só a queda da indisso-lubilidade do matrimônio, portanto, uma dose de liberdade para os casais não felizes no casamento, que vem ocupando a mente do porto-alegrense. De uns tempos para cá, um desusado movimento de reivindicações a favor dos direitos humanos e das liberdades em geral tem sido tema constante

na capital gaúcha. Nas Universidades, panfletos e falas públicas de estudantes. Nos órgãos de comunicação, palestras, conferências e escritos versando sobre democracia, censura e assuntos afins. Para muitos, a bandeira foi desfaldada pelo Sr. Jimmy Carter, com a nova política americana ou, segundo outros, uma retórica política, mas que deverá, a curto ou médio prazo, desencadear uma revisão e uma consequente conscientização a respeito da Carta dos Direitos do Homem. Quer-se a democracia, exige-se mais liberdade! Enquanto isso, a poupança inadiável da gasolina tira a liberdade de muitos lazeres de fim de semana e, agora, o reescalamento do horário para o funcionalismo vem limitar ainda mais as liberdades, privando centenas e milhares de poderem almoçar em família.

Nos madurões como eu, (teimo em não me chamar de velho) perpassa, nesses momentos, uma onda de saudosismo. Saudade da Porto Alegre de quarenta anos atrás, com seus cafés, dos saraus literários, dos bate-papos à porta da livraria do Globo, o “footing” na Rua da Praia, a cerveja no Chale ou no Mercadão. Liberdade é realmente uma coisa muito séria, mas cheia de conotações e condicionamentos.

Não resta dúvida de que não é mais possível a liberdade entendida por Aristóteles ou Platão. A liberdade, hoje, no contexto da moderna civilização, é um equacionamento de movimentos, interesses e direitos. É essa liberdade que o Progresso nos vai tirando paulatinamente. Quer queiramos, quer não, temos de convir que, à medida que progredimos, nos vamos tornando

menos livres. O progresso está, como uma nova sociedade de consumo, absorvendo, cada vez mais, a liberdade de diálogo e de convivência familiar e operando diversos tipos de distanciamento entre pais e filhos na família moderna. Todo aquele que pretender ser absolutamente livre, terminará inelutavelmente confinado nas suas próprias limitações e nas barreiras da atual civilização mundial. Impõe-se, de modo urgente, uma redefinição de liberdade, um remanejamento de conceitos, mormente para a mocidade, para que não termine desajustada em face da realidade. É uma revisão urgente, como urgente a que o Sr. Cláudio Coutinho terá de fazer na sua seleção brasileira, para descobrir a causa de tão repetida dose de erros, principalmente dos apelidos “azares” do ponteiro Gil.

A FOLHA

*A folha imita a existência...
Às vezes causas estranhas
A desprendem brutalmente
Ainda em pleno vigor
Do ramo em que nasceu...
Faz pensar ver folha verde
Caída inerte no chão...
Folha secando no ramo
Imita vida findando
Depois de já ter cumprido
A sua própria missão...
E aguarda...
Às vezes vento bem leve
A desprende do seu ramo
E ela plaina mansamente
Até atingir o chão...
Faz pensar ver folha seca
Se desfazendo no chão...
Como é bom
Não ser folha!...
Sob forma diferente
- É promessa divina -
Nossa vida continua
E temos ressurreição!*

OLIVA ENCISO

Eles eram muitos cavalos

RAQUEL NAVEIRA

O cavalo é um ente maravilhoso. Cheio de força e rapidez, saltitante como sangue nas veias, impetuoso como o desejo. No poema “Dos cavalos da Inconfidência”, assim os descreve Cecília Meireles:

Eles eram muitos cavalos,
Ao longo dessas grandes serras,
De crinas abertas ao vento,
a galope entre água e pedras.

Eles eram muitos cavalos,
Donos dos ares e das ervas,
Com tranqüilos olhos macios,
Habitadas às densas névoas,
Aos verdes prados ondulados,
Às encostas de árduas arestas,
À cor das auroras nas nuvens,
Ao tempo de ipês e quaresmas.

Eles eram muitos cavalos
Nas margens desses grandes rios
Por onde os escravos cantavam
Músicas cheias de suspiros.

Eles eram muitos cavalos
e guardavam no fino ouvido
o som das catas e dos cantos,
a voz de amigos e inimigos,
- calados, ao peso da sela,
Picados de insetos e espinhos,
Desabafando o seu cansaço
em crepusculares relinchos.

Imagino aqueles muitos cavalos das terras de Vila Rica: cavalos mágicos. Saídos das trevas; cavalos brancos como o instinto sublimado; cavalos tenebrosos; cavalos negros, arautos da morte; cavalos alvacentos e pálidos como fantasmas; cavalos-demônios; cavalos majestosos como reis. O destino dos cavalos é insepa-

rável do destino dos homens. Cavalo e cavaleiro, quando em conflito, correm para a loucura; quando em sintonia e concordância, o triunfo. “Eles eram muitos cavalos” supõe também muitos cavaleiros que rolaram pelos precipícios do tempo.

Inspirado por esse verso de Cecília, Luiz Ruffato escreveu o romance Eles Eram Muitos Cavalos, que recebeu vários prêmios como o Machado de Assis da Biblioteca Nacional e o da Associação Paulista de Críticos de Arte como melhor romance de 2001.

O livro mostra estilhaços de vidas que compõem a realidade caleidoscópica da metrópole que é São Paulo. Uma cidade marcada pela diversidade humana, fragmentada como um mosaico de gente, pulverizada na dor e na angústia humanas. Desfilam diante de nossos olhos transeuntes anônimos, casais desfeitos, crianças roídas por ratos, velhos sem ru-

mo, pedintes, ambulantes, vendedores, assaltantes, sequestradores, motoristas, pregadores, todos marchando pelas trilhas e trilhos da enorme cidade engolidora de cavalos e cavaleiros.

Os personagens não se encontram, não se tocam, escorrem pelas ruas, onde ninguém se importa com ninguém. Para Ruffato, o homem é o cavalo na sua brutalidade, na sua vocação bestial para rebanho desgarrado. Cavalos caídos por aí, batendo os cascos no cimento das calçadas, lutando ferozmente pela sobrevivência, cumprindo seu duro serviço. Cavalos que não têm consciência da proximidade da morte e não sabem de seu exílio nesta terra.

Eles eram muitos cavalos. Eles eram muitos cavalos. Muitos cavalos... repito à exaustão. De repente, sinto-me uma feiticeira nua, que monta um cavalo branco e sai, galopando, por uma floresta escura, sob a luz do luar.

Murta em flor

NELLY MARTINS

“Murta: gênero de mirtáceas de folhagem miúda, sempre verde, florinhas brancas em cachos, perfumadas”, diz o dicionário. A murta do jardim está em flor. Dentro da noite, sinto o perfume doce que exalta e atravessa portas e janelas.

Pode-se dizer que temos o privilégio de um sono perfumado. Fica bem no canto do espaço verde, que enfeitada a casa há quase quarenta anos. Nolenho rugoso sente-se o peso do tempo. Duas viçosas ramadas de orquídeas florescem no velho tronco. Na florada, flores despeta-

ladas embranquecem o chão. E o que dizer da algazarra que a pas-sarada apronta sobrevoando e sentando nos galhos da pequena árvore. Pardal, pássaro preto, anu, pombinha, bem-te-vi e sabiá. De todos, sabiá é o rei... Canta e encanta a todos que entram ou saem, que vão e ficam.

Embevecidos, assistimos ao festival que apresentam. Banham-se no bebedouro, alimentam-se nas vasilhas de petiscos. Velha amiga chega. Participa daquele instante e comenta: também, com um jardim deste é fácil ser cronista...

NOTÍCIAS DA ACADEMIA

CONVITE – A Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (ASL), em parceria com a Associação Campo-grandense de Professores (ACP), tem o prazer de convidá-lo (e família) para a Nova Dinâmica do Chá Acadêmico, que acontecerá no próximo dia 27/03 (quinta-feira), às 19h, na sede da ACP (Rua 7 de Setembro, esquina com a Rua Rui Barbosa – centro).

Na oportunidade, será ministrada uma palestra sobre o relevante tema: “Mundo Mágico de Guimarães Rosa”, a cargo da estudiosa do assunto, acadêmica Maria da Glória Sá Rosa. É uma honra contar com sua presença.

Fraternalmente,
Reginaldo Alves de Araújo
Presidente